CARUSPINUS

EXALTANDO NOSSAS GENTES

BIMESTRAL · Nº 3 - 2ª Ed. · ANO I · SÉRIE II ·JULHO DE 2012 · PREÇO: 1.5 € · TIRAGEM: 260 Ex. · ISSN: 2182-5130

FUNDADOR: ANTÓNIO FRANCISCO CASEIRO MARQUES · **DIRECTOR:** ÁLVARO JOSÉ CASEIRO DE ALMEIDA · **TIPOGRAFIA:** COPIDOURO, PORTO

Pe. Silvério Cardoso

Pe. Manuel Barranha

Página 4

BODAS DE OURO SACERDOTAIS DOS PADRES SILVÉRIO CARDOSO E MANUEL BARRANHA CELEBRAM-SE A 29 DE JULHO

FIGURAS DA NOSSA TERRA

O SENHOR PADRE SILVÉRIO

Páginas 8 a 10

Páginas 12 e 13

ENTREVISTA AO PRIMEIRO DIRECTOR DO CARUSPINUS, FRANCISCO PAIXÃO DA CRUZ

NOVO LIVRO DE CARLOS PAIXÃO, "À DESCOBERTA DO PRIMEIRO SANTO – SÃO TEOTÓNIO"

Página 4

OS MOSQUEIROS, 65 ANOS DEPOIS ---------- Pág. 5

LEMBRANÇAS (II), POR JOSÉ LOPES BALTAZAR ---- ---------- Págs. 6 e 7

PASSEIO DOS AMIGOS DE CARAPITO ------- Pág. 14

FESTA DO C.C.R.C. ----- Cartaz na Última Página

PUB

José Francisco Caseiro

Serviço de Máquinas e Compressores, Granitos

3570-100 Carapito
Aguiar da Beira

Tel: 232 577 181 – Tlm: 963 785 951/2

Terreiro de Santa Cruz

Casa de Turismo Rural
Café e Restaurante

http://terreirodesantacruz.weebly.com

Telef./Fax: 232 577 036
Telemóvel: 963 913 645 | 968 114 474

Email: turural@gmail.com

3570-100 Carapito
Aguiar da Beira

EDITORIAL:

Antecedendo a Festa do Clube, que se realizará já nos próximos dias 28 e 29 de Julho, o Caruspinus chega-nos novamente.

A Festa do Clube, que antes se realizava em Agosto, há já largos anos que passou para Julho, tentando assim ir mais ao encontro da presença dos nossos emigrantes.

Este ano, pela disposição no calendário, estão reunidas todas as condições para que seja uma óptima festa, e mais que não seja, principalmente pela aposta feita no artista Leonel Nunes, também conhecido por "Homem do Garrafão", que promete abrilhantar a noite de Domingo. Por ser a primeira vez que se deslocará a Carapito, e por não ter o reconhecimento de outros artistas nacionais, por certo será desconhecido dos menos atentos. No entanto, e a julgar por outras situações, não se espera menos que casa cheia para esse dia, a que ninguém pode faltar.

Mas antes disso ainda temos a XI Feira das Actividades Económicas, nos próximos dias 19 a 22 de Julho, em Aguiar da Beira, e à qual todos deverão fazer pelo menos uma visita.

Esta feira, apesar de não ser tão antiga como a Festa do Clube, traz consigo já uma certa tradição, que por certo o município quer conservar. Não deixem de atender, pois por certo superará as expectativas.

Continuando no rol de "festejos", no próximo dia 29 de Julho temos mais um motivo de comemoração, pois o nosso Pároco, Pe. Silvério Cardoso e o Pe. Manuel Barranha, comemoram as bodas de ouro sacerdotais, o que por certo será motivo de orgulho não só para eles, mas também para todos os seus paroquianos.

Dando continuidade à nossa série de entrevistas, nesta edição temos o primeiro Director do Caruspinus, que com as suas palavras nos traz uma visão diferente daquela que temos actualmente sobre o nosso Jornal, mas que ao mesmo tempo não se distingue.

São estes mais muitos mais os assuntos que o Caruspinus nos traz, exaltando sempre as nossas gentes.

Até à próxima edição. **O Director**

Colaboraram nesta edição:

Álvaro Almeida, António Nascimento Almeida, A. F. Caseiro Marques, Cidália Batista, Carlos Paixão, D. Ilídio Leandro, José Lopes Baltazar e Tó-Zé Paixão.

Os colaboradores deverão enviar os seus artigos para:
caruspinus@gmail.com
WEB: http://caruspinus.weebly.com; http://www.facebook.com/caruspinus

AOS NOSSOS PATROCINADORES

O Caruspinus conta actualmente com um número de patrocinadores razoável, mostrando assim que desejam não só contribuir para a edição do jornal, mas também publicitar os seus serviços, no sentido de que têm a devida visibilidade.

Assim sendo, foi já sugerido que os mesmos patrocínios não se concentrassem todos na última página, mas que se dispusessem ao longo de todo o jornal, pois essa seria também uma forma de lhes dar maior distinção, dado que iriam aparecer em maior destaque.

Em contrapartida há quem defenda que todos deverão estar na última página, pois todos terão a benesse de ser impressos a cores.

Independentemente do sítio onde estiverem penso que todos serão igualmente tidos em conta, e assim, ainda que alguns fiquem no interior do jornal numa edição, ficaram na última página na edição seguinte, e assim sucessivamente.

Por forma a dar ainda mais visibilidade aos nossos patrocinadores, e como forma de os premiar pelo contributo feito ao longo dos anos, foi criada uma página no site do Caruspinus, onde podem ser encontrados todos os patrocinadores, alcançando desta forma uma notoriedade ainda maior, e sem qualquer custo adicional.

Todos os eventuais interessados em patrocinar o Caruspinus basta que nos contactem, para que se estabeleça a parceria.

A Direcção

TORNEIO DE FUTEBOL DE 5

Decorrerá entre os dias 14 e 28 de Julho, aos fins de semana, no polivalente do C.C.R.C., um torneio de futebol de 5, que conta com a organização do Clube. Espera-se que com o torneio haja uma maior dinâmica na nossa terra, e para isso se deixa o convite de que participem e apoioem. A final do referido torneio realizar-se-á no Sábado, 28 de Julho, integrada na realização da Festa do C.C.R.C..

A Direcção do C.C.R.C.

Nota do Caruspinus

O Caruspinus informa que ainda não adoptou o novo acordo ortográfico, pelo que se pede aos seus colaboradores que continuem a enviar os seus artigo segundo o antigo acordo, e até que informação contrária seja aqui publicada.

Obrigado.

FICHA TÉCNICA:. Proprietário e Editor: Clube Cultural e Recreativo de Carapito · **Sede:** Rua do Calvário, Nº 10, 3570-100 Carapito · **Director:** Álvaro José Caseiro de Almeida · **Sub-Director:** Cidália Maria Coelho Batista · **Depósito Legal nº** 156502/00 · **ISSN:** 2182-5130 · **Registo ERC nº** 126 122 · **N.I.F.** 500 932 484 · **Tiragem:** 260 exemplares · **Assinatura Anual:** *Nacional* - 7.5 €; *Estrangeiro* - 15 € · **Impressão:** CopiDouro, Av. da Boavista, Nº 292 - 1º Trás, 4050-113 Porto, Tel: 234 384 300.

NOTÍCIAS

Nascimentos:

Nasceu no passado dia 28 de Maio em Viseu, uma menina de nome **Francisca Rodrigues Caseiro**, filha de Sérgio Caseiro e Marisa Rodrigues.

Parabéns aos seus pais, e felicidades para a nova carapitense.

Doentes/Acidentes:

Noticiámos na edição passada o sr. José Barranha Andrade, que na verdade se chama **José dos Reis Andrade**. As nossas desculpas pelo engano.

A srª. **Otília Pereira Morais** tem estado bastante doente, tendo já sido submetida a diversas operações.

O sr. **Delfim Chaves**, nosso assinante no Brasil, tem tido vários problemas de coração, tendo-o levado já algumas vezes ao hospital.

O sr. **Virgílio Augusto Caseiro** tem andado com vários problemas nos joelhos, assim como a sua esposa, srª. **Maria**, tem também tido vários problemas de saúde.

A srª. **Noémia do Espírito Santo** cortou-se num dedo com alguma gravidade, tendo que se deslocar ao Centro de Saúde de Aguiar da Beira, onde foi suturada com 7 pontos.

A srª. **Esperança Pires** partiu um braço, encontrando-se já em casa em recuperação.

A srª. **Casimira Figueiredo** caiu em casa, tendo partido a bacia, sendo depois hospitalizada em Viseu. Já se encontra em sua casa em recuperação.

A menina **Matilde Pires Barranha** partiu um braço enquanto brincava na escola.

A srª. **Lurdes Paixão Tenreiro** partiu um braço numa queda, encontrando-se já em casa em recuperação.

O Caruspinus deseja rápidas melhoras a todos os doentes/acidentados.

Falecimentos:

Faleceu no passado dia 5 de Julho o sr. **António Pereira Gomes**, residente no Luxemburgo. Já há algum tempo que tinha problemas de coração, tendo mesmo sucumbido no decorrer de uma intervenção cirúrgica.

À sua família o Caruspinus expressa as maiores condolências.

Álvaro Almeida

SENIORES EM ACTIVAIDADE

No passado 27 de Junho, o Centro de Dia de Carapito marcou presença nas actividades seniores, nas Caldas da Cavaca. Logo pela manhã saíram de Carapito, onde tinham como destino o Parque das Caldas, onde já se encontravam outros seniores de outras instituições, para uma dia de actividades e sobretudo convívio e alegria.

As actividades começaram com a presença colectiva de cada instituição, tendo havido uma demonstração de uma aula de ginástica, bastante elaborada e atractiva, e uma dança com uma letra e música criadas pelo grupo. No fim de todas as instituições serem apresentadas e exibidas, chegara a hora do almoço, onde cada uma delas tinha a sua mesa, bem como o seu almoço em convívio, e num sítio bastante calmo e natural.

Com o fim do almoço e o descanso feito, uns artistas deram uns acordes nas concertinas e nas vozes, e criaram um ambiente de baile e festa. Depois de desgastar o almoço e já cansados, foi hora de partir e voltar cada uma à sua terra.

Cidália Batista

Pagaram Assinatura:

Ana Fonseca (10€); Esperança Pires (7.5€); Carolina Caetano (15€ - 2 anos + 5€ oferta); Fernando Andrade Barranha (7.5€ + 2.5€ oferta); Maria de Lurdes Vaz de Almeida (7.5€); Maria Gracinda Vaz (7.5€); Noémia Almeida Fonseca (7.5€); António Lopes Baltazar (7.5€ + 10€ oferta); Maria Conceição Andrade (7.5€); Maria Alice de Jesus Coelho (15€ - 2 anos + 2.5€ oferta); Isabel Barranha Lopes (7.5€ + 2.5€ oferta); João Paulo Barranha Lopes (7.5€ + 2.5€ oferta); Ângelo Manuel Melo Sarmento (7.5€); António Pereira Gomes (15€); Ana Maria Pereira Correia (15€); José Cabral Correia (7.5€).

(Caso alguém tenha pago a assinatura nos últimos 2 meses e não conste desta lista, é favor avisar, pois foi apenas um lapso.)

SACERDOTES EM BODAS DE OURO

O ano de 1962 foi, na Diocese de Viseu, um ano muito rico e muito especial em ordenações sacerdotais – 10. Destes 10, 1 foi ordenado no ano seguinte e outro já faleceu. No mesmo dia – 29 de Julho – foram ordenados 8. De entre estes 8, 2 estão de modo muito especial ligados a estas terras de Aguiar da Beira e, mais precisamente, a Carapito.

Pediram-me umas breves palavras sobre estes 2 ligados a Carapito – o pároco, Pe. Silvério Cardoso e o que é conterrâneo e natural daqui, o Pe. Manuel Antunes dos Santos Barranha.

Devo começar por dizer que nada dá mais alegria ao bispo do que saber que existe carinho, amizade, acolhimento, colaboração e relação próxima com cada sacerdote. Escolhidos por Deus e aceites e chamados pela Igreja, os sacerdotes entregam-se livre, total e generosamente a Deus, para o seguimento de Jesus Cristo, na Igreja e ao serviço dos irmãos. Nesta entrega, procuram escutar Deus e as pessoas para, naquilo que diz respeito a Deus e à Sua vontade, ajudarem as pessoas a encontrar-se com o Pai, pelo Filho, no Espírito Santo. Construir esta comunhão, em Igreja e na unidade com o bispo, é a missão dos sacerdotes, anunciando a Boa Nova do Senhor, formando Comunidades vivas, felizes e santas, chamadas a construir Sociedades justas, solidárias, fraternas e felizes.

Os Padres Manuel Barranha – pároco de Silgueiros e Vigário Episcopal da Zona Pastoral de Viseu – e o Pe. Silvério Cardoso – pároco de Carapito, Cortiçada, Eirado e Valverde – são 2 sacerdotes muito estimados no Presbitério (família sacerdotal, constituída pelo bispo e por todos os padres da diocese). O seu serviço à Igreja ao longo destes 50 anos tem sido exemplar. As Comunidades que os têm como pastores e aquelas outras que os conhecem podem confirmar esta minha afirmação. Este gesto de homenagem do jornal de Carapito é a prova clara do que afirmo.

Parabéns e obrigado, em meu nome e em nome da Igreja de Viseu, a estes 2 sacerdotes e a todos os seus familiares, paroquianos e amigos. Parabéns a estas terras de Carapito que têm acompanhado o seu percurso sacerdotal e àquelas que estes 2 sacerdotes servem ou já serviram antes. Obrigado ao Jornal e a todos os seus responsáveis por esta homenagem, em gesto tão carinhoso e amigo.

Aos padres Barranha e Silvério, os votos de muita saúde para continuarem a viver, com alegria e em festa, o SIM dado no dia 29 de Julho de 1962. Caríssimos Amigos e meus Irmãos no sacerdócio de Jesus Cristo, a certeza da minha unidade e oração. Que Deus vos abençoe!

D. Ilídio Leandro, bispo de Viseu

Apresentação do livro: "À Descoberta do Primeiro Santo – São Teotónio"

No âmbito das comemorações jubilares de São Teotónio, foi apresentado na sexta-feira, dia 1 de Junho, no hall de entrada do Hospital de São Teotónio, em Viseu, o livro: "À Descoberta do Primeiro Santo-São Teotónio", da autoria de Carlos Paixão e com ilustrações de Carlos Pais.

Esta obra pretende dar a conhecer, de uma forma atractiva lúdica, o padroeiro da diocese e da cidade de Viseu.

Antes da cerimónia de apresentação, o bispo de Viseu, juntamente com membros da direcção e da equipa técnica do hospital distribuíram exemplares do livro pelas crianças e jovens que se encontravam hospitalizados.

Depois, Carlos Paixão apresentou o livro como sendo uma homenagem a todas as crianças e evidenciou as acções de cidadania que podem ser retiradas do livro. Realçou a importância de uma leitura partilhada com professores, catequistas e pais, tendo a companhia da figura de São Teotónio e o seu exemplo de serviço ao próximo.

Carlos Pais descreveu algumas das suas ilustrações e ofertou os originais, de algumas delas, às pessoas que estiveram directamente envolvidas neste projecto.

D. Ilídio Leandro afirmou que os autores do texto e da ilustração deste livro deram um grande contributo para as comemorações jubilares, pois colocaram São Teotónio nas mãos das crianças e dos adolescentes. Realçou ainda o facto de os autores terem sido capazes de traduzirem em linguagem simples as coisas difíceis e belas.

Usaram ainda da palavra a vereadora da cultura da Câmara Municipal de Viseu e Rui Melo, do Conselho de Administração do Hospital que se congratularam pela apresentação do livro e realçaram o trabalho de parceria que tem permitido levar a figura de São Teotónio até junto da população da cidade e da diocese.

Carlos Paixão

O CAMPO DOS MOSQUEIROS, 65 ANOS DEPOIS!

A construção de um campo de futebol em Carapito teve início num qualquer dia, de qualquer mês do ano de 1947. A juventude da época já deveria jogar futebol nas ruas e principalmente nos largos da Praça ou do Terreiro. Os mais velhos poderão saber de outros locais em que a bola rolava entre os pés mais descalços do que calçados da rapaziada.

O tio Ismael referiu em entrevista ao Jornal e outros disseram que numa noite lavraram aquele campo dos Mosqueiros. Provavelmente para arrancar mato e retirar pedras soltas e melhor o poderem endireitar. Se foi numa noite para que fosse às escondidas dos pais, que não autorizariam o lavrar de um campo para "semear" pontapés na bola, foi porque o tempo estaria quente e seguramente na Primavera ou Verão.

Jogos realizados com crianças e jovens, nos Mosqueiros, numa das maiores participações. Houve atletismo e gincana.

Finais dos anos 70.

A guerra tinha acabado na Europa apenas há dois anos e o espaço para o recreio e outras formas de divertimento começavam a entrar na vida das pessoas. O terreno deve ter sido também agradado e com a terra ainda macia os pés calcaram e chutaram animados pela alegria duma brincadeira muito desejada e que tinha agora um lugar próprio. Limitados pelas fragas o campo tinha balizas feitas de pau dos pinheiros em volta que estavam situadas na direção do pequeno vale, ou seja, de Norte para Sul. Não sabemos quando, mas logo na década de cinquenta o campo foi alargado no sentido da largura e as balizas tomaram a posição atual de Nascente para Poente.

Naquela altura havia gente de Carapito em Lisboa. Uma pessoa vinda da capital resolveu vestir os jogadores de Carapito com camisolas encarnadas e calção branco, a camisola do guarde redes era amarela, tal como o campeão Benfica.

O campo era atravessado pelo caminho para o Lameirinho e a Fraga. Os carros das vacas e depois muito mais os tratores deterioravam o campo e afundavam sulcos na diagonal do comprimento do retângulo de jogo. Quando chovia essas poças enchiam-se de água e a bola nadava e chapinhava na água e no lodo, molhando e sujando os futebolistas. Nos anos setenta muitos jovens, quase todos jogadores daquela época aterraram esses buracos tentando nivelar o campo e arrancou-se muita terra e alguns pinheiros, do lado mais alto, alargando-se com esse entulho todo o comprimento do campo na face norte. E foi a partir dessa altura a seguir ao 25 de Abril de setenta e quatro que o nosso estádio teve mais uso. Depois teve obras no sentido de aproveitar melhor o comprimento do campo, algumas lajes e penedos foram arrancados e as balizas ficaram quase à distância regulamentar. Pediu-se mais um bocado à Sr.ª Augostinha Paixão e construíram-se os balneários. Que luxo, pois estes vieram substituir as sombras das giestas, urgueiras e pinheiros onde a malta se despia e vestia. Domingo sim Domingo não os "Mosqueiros" tinham jogo, gritos, festa, aplausos e muita discussão e convívio com gente que vinha de perto e de longe. Não posso esquecer que em um ano, já depois da criação do CCRC, talvez em 1980, ficou o Virgílio Caseiro "O Careca" e eu, que sou mais careca do que ele, de arranjar jogos com as equipas em redor, desde Forninhos à Aldeia Nova, Curvaceira, Eirado ou Queiriz, e conseguimos que houvesse jogos todos os domingos.

Com o auge dos Jogos Tradicionais os Mosqueiros tiveram a maior enchente de sempre em 1986. E na segunda volta dos mesmos Jogos já próximos do século XXI as máquinas retroescavadoras vieram dar uma maior grandeza ao campo, mas os balneários que ficavam em cima do canto nascente foram destruídos e nunca mais foram erguidos, sobretudo porque os da sede do CCRC já possuíam todas as condições, até com água quente e não ficavam muito longe.

Equipa do CCRC a envergar o primeiro equipamento, vermelho e branco, em 1956.

O campo está lá. Já não passa nenhum caminho pelo meio e a estrada está alcatroada até à última casa dos Pinheirinhos, mas o caminho para os Mosqueiros já não é percorrido todos os domingos por jovens , correndo por entre sargaços e rosmaninhos, uma bola esfolada debaixo do braço, um sorriso aberto por sonharem mais uma tarde de grandes jogadas, com fintas e remates, mais um Domingo de vitória e glória nesse lindo estádio, o Campo de Futebol dos Mosqueiros!

Viva Carapito!

Tó-Zé Paixão

Lembranças (II)

Cada época tem a sua história, que pode ser contada, cada uma à sua maneira. A ser assim, hoje levo-vos ao vosso conhecimento um assunto que foi muito bem conhecido, há algumas décadas, e ficar no rol do esquecimento seria injusto.

Por ser muito interessante, merece ser recordado no nosso Jornal "Caruspinus", até porque tem o seu passado histórico bem relacionado com gentes de Carapito.

Bem no centro do Arrabalde a poucos metros das Lajinhas, vivia na sua casinha modesta a "Tia Fusca". E fruto de um fenómeno, viria a surgir o caso duma mulher que mais tarde ficou a ser homem.

Sem dúvida, que isto é espantoso e invulgar para aquela época. Que acontecera de estranho? Vamos conhecer um pouco melhor.

As gentes de Carapito sempre tiveram muita fama, mas no que toca a doenças, havia muitas limitações. As doenças tratavam-se por formas e receitas caseiras, e de tradição. Poucas pessoas iam ao médico. Até porque só iam para "banhos" de águas termais, os que mais podiam.

Recorria-se ao médico de Trancoso, Aguiar, donde vinha o senhor Doutor com a famosa receita do "Cerimalte", que à boa maneira, era um cura tudo, à Guarda, Viseu, só depois a ida para Coimbra. A terceira cidade do país – a cidade dos doutores, que tem como padroeira a Rainha Santa Isabel, a do célebre milagre das rosas, perante o seu marido – Rei D. Dinis.

Em Coimbra, sem dúvida, havia grandes feitos, "milagres de vida", mas também e infelizmente mortes, no caso de Carapito. Mas enfim, a vida tem de tudo isto.

Foi assim que uma mulher de Carapito foi parar a Coimbra, isto tudo bem aceite por todos.

Os caros leitores já ouviram falar do fenómeno biológico de que uma mulher, que mais tarde viria a ser homem, com a ajuda da ciência médico-cirúrgica? Há o homem: anão, aranha, morto-vivo, lobisomem, eu sei lá, muito mais. E a mulher/homem de Carapito? Essa é que é uma história de pasmar, tanto de ontem como de hoje.

Pois em Coimbra, sendo conhecedor deste assunto, o famoso e ilustre professor doutor, cirurgião dos Hospitais da Universidade de Coimbra – Bissaia Barreto, em devida altura, questionara a mulher de Carapito.

- O que quer ser na vida? Mulher ou homem?

Tendo-se optado pelo mais viável e mais simples – ficar a ser homem –, portanto mudança de sexo.

Tudo se processou clinicamente, num sucesso total e no bom sentido um êxito. Passados tempos (…), vindo de Coimbra em visita, isto num belo Verão de 1944, vê-se passeando pelas terras, ruas caminhos de Carapito, com toda a naturalidade, o senhor Olímpio Jesus, a mulher antes e homem hoje.

E agora esta! Era só o que nos faltava!

Que boa brincadeira: orelhas furadas, cara arredondada, voz suave e sonora, cabelo cortado, trajando roupas brancas e a rigor como homem aprumado. E sempre com sorriso nos lábios, e recebido com grande estima e consideração por todos.

Que grande surpresa. Sim senhor, que milagre foi este? E por onde passava, aqui ou acolá era saudado.

- Seja bem-vindo, oh Senhor Olímpio.

Naquela época, para os mais novos havia muita curiosidade e interesse em saber-se o que havia por trás de tudo, na vivência das pessoas.

Afinal isto era um sonho ou era o quê? Uma mulher agora é homem! Essa é boa de dizer, mas não de crer.

Devido às grandes dificuldades da vida, em Carapito havia poucas saídas dos mais jovens. Uns iam para o Seminário/Magistério e outras paragens. Era preciso criar horizontes novos e partir.

Decidido a ir para Coimbra, na companhia do senhor Olímpio, seria boa ideia ele até garantia trabalho, iniciativa recebida com agrado pelos meus familiares.

Vamos p'rá frente, e lá fomos.

Já em Coimbra, as coisas apresentavam-se bem diferentes, e por sinal muito à vontade nesta nova ambientação. Mas alguma invulgaridade – que era o falado caso da mulher que agora era homem. E até casado com uma mulher muito normal e enfermeira dos Hospitais da Universidade de Coimbra – a senhora D. Maria, muito querida e respeitada por todos. Formando um casal harmonioso e de grande prestígio, mas sem filhos. O que de certo modo causaria uma grande surpresa e interrogação.

Isto não e tão normal, no meio de tudo, ver-se uma coisa assim?

Até parecia mais uma graça de fazer rir os mais sisudos. Ou então uma grande brincadeira, daquelas de mau gosto. Caramba, esta nem ao diabo lembra!

Esta história não pode ficar assim não. E não pára por aqui.

Num gesto de respeitabilidade e reconhecimento, o nosso homem tomou como madrinha a senhora enfermeira chefe de cirurgias dos Hospitais da Universidade de Coimbra – a senhora D. Olinda, a quem carinhosamente chamava – "querida madrinha" e ela por sua vez correspondia do mesmo jeito – "oh meu afilhado".

Aqui estava eu a ver um grande exemplo de amizade mú-

tua, como prova do bem-fazer, de homem respeitador e respeitado.

Porém as coisas para mim não se apresentavam tão fáceis assim, não tanto no meio hospitalar como fora dele. O confronto comigo aumentava à medida que o tempo passava.

Por todo o lado eram só pedidos de explicação sobre este assunto, muito falado no meio, sem saber bem como corria de boca-em-boca.

Em Coimbra os carapitenses contavam-se pelos dedos de uma mão e eram bem conhecidos. E todos sabiam do caso da mulher/homem. A questão ainda por cima é que era casado para aumentar mais o mistério, tudo bem diferente do que é hoje, em que o casamento – mulher/mulher – homem/homem já é reconhecido com legislação.

Em qualquer lugar onde eu aparecesse era logo bombardeado.

- Tu és de Carapito – a terra donde se vê a neve na Serra da Estrela em pleno Verão;

- Onde as pessoas vivem toda a vida sem tomar uma injecção;

- Onde as pessoas vivem com os animais na mesma casa;

- Onde as pessoas nunca viram o comboio e muito menos o mar; etc. etc.

Enfim sei lá, chega. Muitas coisas se diziam. Eu deixava fantasiar e às vezes até invejava tantas histórias fantásticas cada conversa com a sua imaginação. E para se evidenciarem, "quem conta um canto acrescenta-lhe um ponto", deixa lá.

Como dizer a verdade e validar tudo isto? Eu nem precisava de acrescentar ponto nenhum, bastava disparar a minha arma secreta para sair vencedor. Já sei a minha resposta, ela está na ponta da língua; toma lá.

- Eu sou da terra atrasada, mas é a terra da mulher que em Coimbra se tornou homem e até é casado com uma mulher, um casal bem afamado e feliz.

- Ouviram bem isto? Aqui seguiam-se muitas risadas.

E quem vai agora retorquir isto? Ninguém…, nem pio.

Era aqui que o orgulho carapitense aumentava. Afinal a tal terra manda peso, basta falar nela para fazer calar tudo. Assim, eu usava este estranho episódio, tão importante, mas esquivava-me ao assunto da mulher/homem um tanto ao quanto inexplicável.

Como eu me atrevia a testemunhar uma verdade que eu não podia. Se é preciso ver para crer… Como ver o quê? Ver…! ai isso não, com o devido respeito acima de tudo.

Vamos adiante. O casal vivia num 1º piso duma casa modesta que eu frequentava nas imediações dos Hospitais, e por isso tornava muito familiar a muitos doentes.

Este homem ajudava os doentes, abria as portas para todos. Com carinho e respeito era bem recebido onde quer que fosse. Tinha mão para toda a colher, o importante era ajudar. O seu passado não invalida em nada o seu valor.

O meio hospitalar interroga-se, todos se interrogavam, donde veio este homem tão prestável que resolve tudo? Como este há poucos. Que grande contraste na vida. Comenta-se.

Havia uma jovem enfermeira que perante tanta curiosidade, dirigindo-se a mim, insistia no caso e parecia dar-me um ultimato. Um dia até me prometeu:

- Pego-te ao colo e beijo-te muitas vezes, se me contares toda a verdade da mulher que ficou homem. Tens de me contar tudo o que sabes.

- É da tua terra e tenho de saber tudo tin-tin por tin-tin.

Só que o meu respeito era demasiado forte e firme, não podia entrar em pormenores sobre o assunto. Não conto nada, nem agora nem nunca.

Até o senhor Carlos Baltazar, um carapitense que trabalhava no Instituto Maternal – Maternidade – em Coimbra, onde era muito conhecido e respeitado, conhecedor de muitas coisas e possuidor de bons princípios educativos e morais, nunca explicava este caso. Quanto mais eu, muito mais novo, explicar este melindroso caso. Nem pensar, e metido entre a espada e a parede, tinha de me calar que era o melhor remédio – o silêncio.

Só que em relação a Carapito, já não era bem assim. Carapito, alto aí! Afinal o nome de Carapito andava na baila? Oh cum carago. Se até no Folhadal – Nelas –, onde o casal possuía alguns bens, o enigma da mulher/homem de Carapito também lá chegou.

Na minha convivência com o casal, sempre o grande dilema que vai ficando no esquecimento dos anos. Porquanto, se a medicina resolve tudo, então ela que esclareça tudo de uma vez por todas. Lido com médicos, mas não sou médico. O senhor Olímpio é um homem e acabou-se.

Se em Carapito todos consideram tudo normal, porque não há-de ser assim noutros sítios?

Os anos foram passando, deixando para trás a admiração e o bem-fazer.

Finalmente e por circunstâncias da natureza, a pequena mulher, filha querida de Carapito, tinha-se feito num grande homem e num exemplar marido.

Aquele que apesar de tudo, com a sua humildade, grande vontade e dedicação profissional ao trabalho, sabendo sempre grangear mais um amigo, soube impor-se a tudo e a todos, lutando pelo bem do próximo.

Meus amigos e caros leitores, para terminar, aqui fica publicamente a minha vénia e a grata homenagem de respeito por um carapitense, que soube ao longo da sua vida prestigiar e elevar o nome da sua terra – Carapito.

José Lopes Baltazar, Luanda, Agosto de 2010

FIGURAS DA NOSSA TERRA
O SENHOR PADRE SILVÉRIO

No primeiro dia do mês de Setembro, do ano de 1937 nasceu no lugar do Pereiro, freguesia de Sátão um menino, filho de António Cardoso e de Maria da Luz Cardoso, a quem foi dado o nome de Silvério Cardoso. Silvério teve nove irmãos, cinco raparigas e quatro rapazes, duas meninas morreram ainda pequenas, depois dele nasceu a irmã mais nova, que o haveria de acompanhar durante toda a vida de sacerdote.

Seus pais dedicavam-se à agricultura. O senhor António tinha uma junta de vacas com que amanhava as terras e a D. Maria da Luz dedicava-se às tarefas do lar e a cuidar dos filhos enquanto crianças e quando era preciso ajudava o marido. Lembro-me muito bem de a ver com as filhas a roçar mato, quando já era idosa. Talvez por ser tão dedicada ao trabalho, ao lar e à educação dos filhos, Deus lhe concedeu a graça de viver mais de cem anos. Quem quiser aprofundar os saberes e a memória desta mulher invulgar leia o livro, Recordações!!!, em que o seu sobrinho Ricardo Cardoso revela antigas poesias, rezas e orações que a tia sabia de cor.

Os 11 novos formados juntamente com um professor.

O pequeno Silvério frequentou a escola primária e em 1949 entra para o Seminário de Fornos de Algodres, para depois frequentar o Seminário Maior de Viseu. No seminário teve como colegas os seus primos, Manuel e Ricardo que também foram sacerdotes. Tive a felicidade de os ter como professores; e que excelentes mestres!

O jovem Silvério era um bom aluno e arrojado nas suas decisões. Num dia de aulas, um quadro preto, mal encostado à parede, caiu provocando enorme estrondo. Logo alguém gritou: "Terramoto. Isto é um terramoto". Silvério saltou de imediato para o peitoril da janela e daí para a rua. A altura era considerável e a queda provocou-lhe grave fractura da perna. Esta lesão dolorosa afetou o jovem tanto física como psiquicamente.

Em 1962 concluiria a sua formação como clérigo na companhia de mais dez colegas. Um ano abençoado em vocações sacerdotais. Merecem referência o nome de alguns novos apóstolos de Cristo: Manuel Barranha, Milton, Batista, Ramiro, Fátima, Orlando, Carlos, Sequeira e Silva. Estes dois já falecidos. Nesse mesmo ano empreendeu o seu primeiro serviço presbiteral, como coadjutor em Canas de Senhorim e Nelas, com o Padre Domingos e o Padre Costa respectivamente.

Nomeado em 1 de Julho de 1964 pároco de Carapito, aqui permaneceu até hoje. Segundo se consta alguns bispos quiseram após décadas de dedicação a esta sua terra de eleição, nomeá-lo para outros locais, porventura até bem maiores, ao que sinceramente respondeu: " Daqui senhor bispo, só para a minha terra natal ou para a morada eterna".

Apraz-nos referir os seus antecessores, que foram nos anos trinta e quarenta, o padre António Sá e Melo, natural de Fornos de Algodres; nos anos cinquenta o Sr. Padre Claudino Ribeiro Seara, de Travassos, Cavernães; o Sr. Padre Luís, de Fornos de Algodres, em meados dos anos cinquenta e início de sessenta, o Sr. Padre António Saraiva, de Penaverde; em 1963, e o Sr. Padre António Ribeiro. E enquanto não foi nomeado o Sr. Padre Silvério vinha de Aguiar, o Sr. Padre António Andrade de Dornelas.

Com o jovem padre veio para tratar das lides caseiras a sua irmã mais velha, a Olinda, mas as saudades dos pais e da terra natal, não lhe permitiram adaptar-se aos ares da serra do Almansor e veio substituí-la no mês seguinte, a 4 de Agosto de 1964, a irmã mais nova, com apenas dezanove anos, Antónia Cardoso, que adotou esta terra como sua e a quem todos os carapitenses passaram a tratar afetuosamente por Toninha.

Alguém que se dirigia para os Jurjais reparou no jovem de batina que olhava para a nova casa paroquial e exclamava:" Uma casa tão grande para um homem tão pequeno". Por certo, ao novo sacerdote não lhe passaria pela cabeça que seria nessa casa que faria a maior parte da sua vida.

O serviço religioso incluía a paróquia do Eirado, onde o padre Silvério se deslocava na sua "Florete" encarnada. Mais tarde compraria uma linda "Vespa", em que se deslocava até Espanha e mesmo até Nossa Senhora de Lourdes em França. Como era agradável sempre que passava por nossa casa e pedia ao meu pai para lhe fazer companhia. Tenho saudades mesmo da chuva a fustigar-nos o rosto e quando tínhamos de nos abrigar debaixo duma árvore ou dum penedo em dias de trovoada.

Com a escassez de sacerdotes foram-lhe atribuídas mais paróquias, Valverde, Cortiçada, Dornelas e durante algum tempo, Queiriz e Vila Longa. Todas demonstraram grande apreço pelo seu pároco e a todos auxiliou no serviço diário, quer fizesse frio ou calor, quer nevasse ou fizesse sol.

Foi convidado pelo seu grande amigo carapitense, Sr. Padre Fonseca, a leccionar Educação Musical no Externato de Aguiar da Beira e mais tarde Religião e Moral na Escola Básica, onde prestou um bom serviço, sobretudo na formação moral dos jovens do concelho, mas também onde granjeou a estima e a amizade de todos os professores, pela sua forma de estar e pela boa disposição que transmitia em redor de si. Há dois ou três anos que se jubilou com a nostalgia própria de quem deu aos outros todo o seu saber e afecto.

O Pe. Silvério nos tempos da sua juventude como sacerdote.

Amante do desporto, exerceu grande influência nas crianças e jovens. Jogou na equipa de Carapito nos primeiros anos, sobretudo nos encontros casados-solteiros e entre a Vila e o Arrabalde. Desde o primeiro ano que realizou vários espetáculos de teatro, com comédias e récitas interpretados por crianças e jovens. Alguns cantares e danças eram ensaiados pela sua irmã, Toninha.

Iniciou a Liga Eucarística dos Homens, fazendo com que todos os meses houvesse uma participação efectiva dos homens na eucaristia dominical. Ouvimos algumas pessoas que se lembram das visitas diárias que fazia aos doentes, falando com eles e animando-os no seu sofrimento. Esta acção era pouco visível, mas talvez fosse a mais sentida por quem se via impossibilitado de vir para a rua e ir à igreja. Por isso alguém o elogiava desta forma: "Nunca houve aqui um padre como este". E esta afirmação dá conta do seu trato afável, da sua caridade, com toda a gente, tanto com ricos como com pobres, com os mais cultos ou mais simples. Aproximou-se do povo na igreja, em casa, no café ou na rua. Este homem tem virtudes e defeitos como todos temos, mas uma das grandes virtudes foi viver no meio do povo, no meio do rebanho que Deus lhe confiou.

Desde os anos cinquenta que se iniciou a Acção Católica com grande acção religiosa, social, educativa e recreativa, com encontros de jovens com as freguesias vizinhas, sendo nessa altura o Sr. Padre Matos de Forninhos, o Assistente Regional. O senhor padre também participou em alguns destes encontros, mas com a saída de alguns elementos directivos foi pena que esta instituição tivesse acabado. A JAC (Juventude Agrária Católica), que teve o seu começo ligado ao sr. Pe. Claudino e sua irmã, Mariazinha, teve uma formação importantíssima na formação integral dos jovens, que ainda hoje gera frutos.

A dedicação à catequese das crianças vê-se nas reuniões frequentes que o senhor Padre Silvério fazia com as catequistas, pelo menos de quinze em quinze dias. Mas também na cativação dos rapazes, pois jogava com eles à bola. E não me lembro que se uma bola de borracha se furasse o senhor Abade não tivesse logo outra novinha a estrear. Os caramelos, as gomas, ou outras guloseimas atraíam, e atraem ainda, a miudagem à saída da igreja. Se tivermos em conta as palavras de Jesus: "Deixai vir a mim as criancinhas", o padre Silvério teve esse dom natural e próprio da sua maneira de ser, de levar as crianças consigo para as apresentar a Jesus. A Irmandade das Almas e o Movimento do Sagrado Coração de Jesus mereceram uma atenção especial e por isso vemos que em Carapito, estes grupos têm aumentado o número dos seus membros. Por fim tem sido a Juventude Mariana e Vicentina que tem tido grande actividade na nossa terra.

O nível cultural das nossas gentes também melhorou com os novos conhecimentos através de visitas a vários pontos

PUB

IPJ

Instituto Português da Juventude, I.P.

do país e estrangeiro. O senhor Abade promoveu várias excursões. No início a Fátima, Nazaré, Batalha, depois Minho, Algarve, Salamanca e Madrid. Em 1979 fomos a Roma ver o novo Papa, João Paulo II. Pelos anos oitenta dirigiu vários passeios a muitos países europeus em que participavam pessoas de Carapito, Viseu e Lisboa.

Das suas maiores acções sociais foi a criação do Centro de Dia em Carapito. Em 1987 foi lançada a primeira pedra, no quintal da Casa Paroquial de Carapito. Com a colaboração do povo a obra foi concluída em dois anos, tendo ainda como valência o apoio ao domicílio. Neste momento conta com 52 utentes, em que pelo menos uma vez por semana convivem em várias actividades como música, orientada pelo Nelo Sousa, ou ginástica patrocinada pela Câmara Municipal.

Em Trancoso o Pe. Silvério com o braço sobre o ombro do Tó-Zé, com o Toninho e o Claudino Paixão.

A sua terra natal atrai-o, bem como os amigos com quem se reúne em quase todos os dias em que há feira no Pereiro. Presenciei um desses encontros cheios de boa disposição e muita amizade, onde não se distingue o doutor do operário, o oficial superior do lavrador, ou o velho amigo do convidado mais jovem. O anfitrião Silvério a todos contagia com a sua alegria, os seus ditos, as histórias oportunas. Carapito que veio depois, e foi o destino da sua nobre missão de levar a boa nova de Jesus assumiu o primeiro lugar, a ponto de já ter decidido que é aqui que um dia pretende descansar dos seus trabalhos e canseiras.

Carapito e as suas gentes estão gratos ao seu pároco, pela dedicação que pôs na sua acção pastoral. Carapito também dá graças a Deus por esta dádiva com 48 anos de existência e com a falta de sacerdotes prevemos que tenha sido o último a residir entre nós.

Parabéns ao senhor Padre Silvério por estes cinquenta anos de sacerdócio. Obrigado por tudo o que fez pelas gentes das suas várias paróquias. Que Deus lhe continue a dar muita saúde e felicidade para continuar com a sua presença a abençoar-nos em Seu Nome.

Tó-Zé Paixão

AO PADRE SILVÉRIO CARDOSO, NOSSO PÁROCO: O MEU TESTEMUNHO

O nosso amigo Padre Silvério Cardoso teve a ingrata missão de ser nomeado para restabelecer a ordem natural e acalmar os espíritos dos cristãos de Carapito, após um período de alguma perturbação. Este período já vai tão longe que não vale a pena estar aqui a recordá-lo. Como não estamos aqui para julgar ninguém nem sequer apreciar os seus actos, passo à frente e vou falar um pouco desta personagem da história recente da nossa paróquia.

A primeira vez que tive contacto com o Padre Silvério foi no Verão de 1963. Apresentou-se em Carapito para realizar o funeral de um anjinho da família Coelho da quinta do Capela. Estava calor e brincávamos na Praça, aguardando a sua chegada. Coube-me servir de alguma forma de cicerone. Lembro-me de um pormenor desse triste acontecimento. Na passagem da ponte de pedra, que existia na ribeira, a Ana Maria do tio Viriato caiu ao ribeiro e lá fui eu pressuroso retirá-la da água. Mais tarde viria a acontecer cena idêntica em S. Pedro do Sul, desta vez com a Milú, sobrinha do padre Silvério, que passava grandes temporadas em Carapito.

A partir desse dia, estabeleceu-se entre mim, a minha família e o Padre Silvério uma amizade muito grande que perdurou até aos dias de hoje.

Recordo-me bem dos serões passados em nossa casa, onde pontificava a figura veneranda do meu avô materno, Francisco Bogalho, que o padre Silvério escutava com atenção, falando com ele horas a fio. Tomava nota dos seus ditos, das suas histórias, das cantigas e cânticos antigos. Não sei se os guarda. Mas era interessante expor esse seu espólio das recolhas feitas durante todos estes anos. Como eu andava no seminário das Missões, os nossos contactos eram mais frequentes nas férias. Nessa altura, ele sempre contou comigo para ajudar à Missa, logo de madrugada ou ao cair da tarde. Muitas vezes comi em sua casa, antes de irmos para a celebração. Muitas vezes o acompanhei nas suas acções de assistente espiritual destas gentes de Carapito e do Eirado. Muitas vezes o acompanhei pelas aldeias daquela freguesia, ajudando à Missa, administrando a extrema-unção, nas visitas pascais e em muitas outras cerimónias.

As aventuras que vivi com ele, nomeadamente as relacionadas com as diferentes e variadas viagens, que efectuámos em conjunto com outras pessoas ou apenas os dois, davam

para escrever um enorme e bem recheado livro, pelas muitas experiências que vivemos juntos. Deixo apenas um pequeno apontamento. Ainda me lembro da viagem ao norte de Portugal, com duas camionetas, passando por Vila Real, Braga e Guimarães. Depois, no ano seguinte, fomos até Lisboa, passando por S. Martinho do Porto, onde dormimos numa barraca da praia. Na primeira viagem em que projectámos entrar em Espanha, na sua célebre Vespa, chegámos a Vilar Formoso e batemos com o nariz na porta, que é como quem diz, não nos deixaram passar. Tínhamo-nos esquecido de levar a autorização do meu pai para passar a fronteira. Fomos pela raia abaixo, até Évora, onde dormimos debaixo de um chaparro. Este gosto do Padre Silvério pelo campismo selvagem foi uma imagem de marca que ele muito bem preservou ao longo dos anos e com que nos brindou em muitas outras viagens ao estrangeiro.

A cantar as Janeiras com os jovens de Carapito (1981).

Mais tarde, numa outra tentativa, acabei preso, nos calaboiços da PIDE, pois tinha idade para ir à tropa e os da polícia política pensavam que eu me queira pirar para o estrangeiro para fugir à tropa. Mas apenas queria ir comprar caramelos a Fuentes de Oñoro. Dessa vez era verdade.

Mais tarde fomos de Carapito a Lourdes, em França, na mesma Vespa, fazendo de Domingo a quinta-feira, 1975 km, cumpridos ao cimo da calçada do Poço da Muda, ao fundo da Travessa da Rua da Cabeça.

E então as viagens que se seguiram, no final da década de setenta, a Roma, à Suíça, aos Países Baixos e a Veneza, ficaram para a história. Davam vários filmes, com todos os ingredientes para estarmos uma tarde inteira a rir a bandeiras despregadas.

Mas a convivência com o Padre Silvério não se ficou por aqui. Com ele sempre pude contar nas horas em que tive de tomar decisões sobre a minha vocação. Nele sempre encontrei o apoio que um pároco pode e deve prestar.

Quem pode esquecer que ele era dos poucos que tinham televisão. Por isso nos juntávamos lá em casa para vermos filmes, futebol e sabermos as notícias de Portugal e do mundo.

E os teatros e palhaçadas que fazíamos no salão? Quem não se lembra do Manel das Cebolas?

E as jogatinas de futebol, no adro da igreja, antes da missa e da catequese?

Muita vez me convidou para visitas a colegas, idas a Viseu, à Guarda e a muitos outros locais pela região.

Por tudo isto, estabeleceu-se entre nós uma tão profunda amizade que nem as nossas divergências pontuais, sobre um ou outro pequeno assunto, alguma vez puseram em causa.

Essa é uma amizade que perdura e que retribuímos de uma e outra forma, mutuamente, sem necessidade de a alardear, como entre amigos desinteressados acontece.

Não tenho dúvidas em afirmar que a presença do Padre Silvério em Carapito, durante todos estes anos, muito contribuiu para cimentar o espírito de união, sensata, assertiva e consciente, que sempre foi apanágio de todos os carapitenses. Nem as atitudes de alguns mal intencionados conseguiram quebrar essa ímpar qualidade carapitense, de que tanto nos orgulhamos. A sua acção foi tão meritória, neste e em muitos outros aspectos, que por vezes a alguns passam despercebidos, mas que, quando chega a altura, se evidenciam com toda a sua clareza e dimensão.

Foi por isso que me ofereci para escrever este texto em sua homenagem quando passam cinquenta anos sobre a data em que foi sagrado sacerdote. Um acontecimento sem precedentes na vida de qualquer sacerdote, facto que igualmente registo com muita alegria.

Aqui lhe deixo uma palavra de agradecimento por tudo quanto me ensinou, pelas alegrias e vivências que me proporcionou, desejando que os anos que lhe restam possam ser muitos e vividos em Carapito, em nossa companhia, nesta família a que pertence há quase cinquenta anos, assistindo os que aqui residem, espiritualmente, e também ajudando naquilo que socialmente seja possível, como, aliás, vem fazendo desde há alguns anos.

Que continue a sentir-se bem entre nós e que Deus lhe dê saúde e o conserve.

A. F. Caseiro Marques

ENTREVISTA AO PRIMEIRO DIRECTOR DO CARUSPINUS, FRANCISCO PAIXÃO DA CRUZ

Francisco Paixão da Cruz, economista, 63 anos, foi o primeiro Director do Jornal Caruspinus, entre os anos de 1980 e 1985. Posto isto, por certo terá várias coisas para nos dizer sobre o início do nosso Jornal. Para sabermos isso e muito mais, fomos falar com ele.

Como é que foi "nomeado" primeiro Director do Caruspinus?

Naquele tempo, o jornal estava a cargo do Dr. Caseiro Marques e de mim próprio. Era da nossa responsabilidade desde o início da sua elaboração até à sua colocação no correio. À época, como o Dr. CM era militar e, por imperativos legais, estava impossibilitado de assumir as funções de Director. Ora, por razões óbvias, só restava eu…e o Clube procedeu à respectiva nomeação, para cumprir os termos da lei.

E como é que foi essa sua experiência na direcção do Jornal?

Foi uma experiência diferente dos meus afazeres profissionais e, como todas as experiências, teve muitos aspectos positivos e alguns negativos. Não deixou, todavia, de ser uma fase muito gratificante da minha vida, pois tratava-se de pugnar pela minha terra e pelas gentes que me tinham visto e ajudado a crescer. Um dos objectivos principais era levar Carapito aos nossos emigrantes, e foi talvez nesse aspecto, que eu me senti mais recompensado.

Como era nessa altura fazer o Jornal?

Bom, quer o Dr. CM quer eu próprio éramos casados e ambos tínhamos actividades profissionais. Sendo assim, sobravam os fins-de-semana para trabalharmos em conjunto. Morávamos relativamente perto um do outro, o que facilitava as coisas. Em primeiro lugar, tínhamos que recolher os vários textos, que nos primeiros anos eram escritos por 4 colaboradores. Não havia computadores ou processadores de texto, por isso, repartíamo-los entre nós e, cada um assumia a responsabilidade de os mandar dactilografar em máquinas de escrever, que agora já são praticamente desconhecidas dos nossos jovens. Quando esse trabalho estava completo, era altura de nos tornarmos "tipógrafos". Reuníamos em casa do Dr. CM em noites de Sextas, Sábados e Domingos e, munidos dos materiais necessários e de muita paciência e carolice, procedíamos à montagem dos textos. No fim-de-semana seguinte tiravam-se as fotocópias de acordo com a quantidade de jornais necessários. Depois, eram mais uma ou duas noitadas a dobrar as folhas (A3) para que as páginas ficassem no seu formato definitivo (A4), era a dobragem final, a cintagem, a colocação das moradas e, posteriormente, já na estação dos correios, a não menos trabalhosa selagem, pois que na altura não tínhamos o "porte pago".

Qual foi o impacto que viu nos carapitenses, devido à presença do Jornal nessa altura?

Penso que foi um impacto muito positivo e, o próprio lema, "Exaltando Nossas Gentes", estabeleceu um elo muito forte entre o Jornal e o povo de Carapito. Devo realçar que o apoio moral dos nossos emigrantes, sempre que, no Verão, vinham de férias ou através de cartas encorajadoras que nos enviavam, contribuiu muito para que esse elo fosse ainda mais forte. Tenho mesmo a convicção de que foi esse apoio que nos deu força para continuar, em momentos de algum desânimo. Quando falo de emigrantes englobo, é claro, os nossos conterrâneos espalhados por Portugal e, de um modo muito especial, os de Lisboa, que foram insuperáveis no apoio e na dedicação a esta causa. Não posso esquecer os fabulosos Encontros Caruspinus, que, porventura, representaram uma das maiores realizações deste jornal.

Há alguma história ou momento desse tempo que queira destacar ou lembrar, relacionada com a edição do Jornal?

No inicio da década de 80, a emigração para a Europa era, essencialmente, formada por homens que vinham abandonando a sua terra e as suas famílias desde meados da década de 60. Era, digamos, a primeira geração de emigrantes. Hoje, já não é assim, na maior parte dos casos, o emigrante continua a ter que deixar a sua terra, mas já leva consigo a família. Ora, um dos momentos que mais me marcou e de que agora me recordo, foi a despedida, no Largo do Terreiro, de um desses emigrantes, que, após mais umas férias, teve de regressar a França, deixando de novo para trás a sua terra e a sua família. A emoção no rosto e as lágrimas a quererem saltar-lhe dos olhos, ficaram gravadas na minha memória. Uns dias mais tarde, estava eu de férias no Algarve e dou comigo, emocionado, a pensar nesse emigrante. De imediato, peguei num papel e numa caneta e escrevi um texto que lhe dediquei, ainda que de uma forma mais ou menos anónima. Convido-te a ler esse texto que foi publicado no jornal nº 11 de Outubro 1981 e que intitulei " Eu… e os Outros".

Como é que tem visto a evolução do Jornal ao longo dos anos, que são já 33?

Penso que o Jornal tem tido sempre características muito semelhantes, embora, é claro, podem ter havido em certas fases temas ou colaboradores com maior destaque, mas esse tipo de situações tende a distribuir-se ao longo de toda a vida do Jornal. A evolução mais visível é, sem dúvida, a que resulta das capacidades gráficas, possíveis graças à utilização das novas tecnologias.

E quais são as principais diferenças que vê no Jornal de hoje, em relação aos tempos em que foi Director?

Bom, penso que já respondi atrás de uma forma muito genérica. Não serei eu, com certeza, a pessoa mais indicada para fazer essa análise. O que eu acho, isso sim, é que cada Director deu sempre o melhor de si próprio e tu estás

também a dar um passo gigantesco para que o nosso Jornal continue a fazer parte da nossa vida e venha a fazer parte da nossa história.

Em que é que acha que o Jornal ainda pode melhorar por forma a chegar a um maior número de leitores, e o que é que acha que poderia ser abordado que ainda não o tenha sido?

É evidente que não tenho de memória todos os assuntos já abordados, por isso, não me é fácil dar uma resposta adequada a essa questão. Parece-me no entanto, que o Caruspinus, não sendo um jornal fundamentalmente noticioso, até porque é bimestral, deverá sempre ter um carácter interventivo, mantendo-se, obviamente, independente, em relação às opiniões que possam existir acerca de assuntos específicos. Penso que o lançamento de ideias sobre iniciativas que devam ser tomadas com o objectivo de melhorar a qualidade de vida do nosso povo, deve ser uma das prioridades do Jornal (estou a lembrar-me, só como exemplo, do trânsito já difícil, dos excessos de velocidade e do estacionamento caótico nas ruas e largos principais). A intermediação de conflitos importantes entre grupos de carapitenses, dando às partes a possibilidade de expressar os seus pontos de vista, tentando evitar situações de ruptura, deverá ser outra preocupação importante.

Francisco Cruz por alturas em que era Director do Jornal, com a sua filha mais velha, Carolina Cruz.

E acha que este ainda continua a ser importante para os carapitenses e está adaptado aos dias de hoje, ou corre o risco de acabar mais cedo ou mais tarde?

É claro que continua a ser importante para uma boa parte dos carapitenses. Há agora um novo grupo de impulsionadores do qual tu és o líder e isso tem sido uma constante ao longo da vida do Jornal. Quando uns esmorecem ou não podem continuar por motivos profissionais ou familiares, outros têm sempre aparecido para levar o testemunho mais além. Como atrás referiste, já lá vão 33 anos, mas a semente lançada em 1979 tem continuado a produzir. É evidente que o risco de o jornal acabar estará sempre presente, nada há que sempre dure, mas enquanto houver apoio moral e material do nosso povo e meia dúzia de carolas que sacrifiquem os seus tempos livres em prol do interesse colectivo, esse risco será minimizado. O jornal acabará, sim, quando um desses pilares deixar, definitivamente, de existir.

Deixe-me pôr-lhe agora a seguinte questão. Para si que não habita em Carapito há muitos anos, só pelo que vê e lê no Caruspinus, consegue manter-se a par do dia-a-dia da nossa terra e manter-se ligado a ela quase como se vivesse lá, ou este apenas lhe permite ficar com uma ideia geral das coisas?

O jornal traz-me muito da minha terra, mas não podemos exigir que ele nos dê essa visão tão completa do quotidiano, ainda mais quando a sua periodicidade não é diária nem mesmo semanal. Alguns aspectos são versados com mais pormenor, outros com menos, mas, de qualquer modo, só a vivência no local nos permite conhecer o carácter de um povo. Por isso respondo-te que não, não é possível essa proximidade, mas sempre que leio o Caruspinus sinto-me mais ligado à minha terra.

Já agora, qual acha que é a importância de termos um Clube como aquele que temos hoje em dia em Carapito, e qual acha que deverá ser o seu papel para com a população?

Como o próprio nome sugere, o Clube deve ter como objectivos prioritários, a realização de acções no âmbito cultural e recreativo. Logo no início, decidimos que o Jornal deveria pertencer ao Clube, exactamente, para lhe servir de "braço armado" na prossecução desses objectivos, publicitando as iniciativas e reclamando apoios. Recordo-me que a primeira e, provavelmente, a mais importante até hoje, foi a campanha de construção da Sede do Clube. Acho que o Clube tem sido importante, mas poderá sê-lo ainda mais no futuro, suprindo, no aspecto cultural, aquilo que as entidades oficiais não estão vocacionadas para fazer ou, por motivos vários, não querem ou não podem fazer.

Tendo em conta aquilo que conhece de Carapito, dos seus jovens, e de todas as pessoas em geral, qual acha que será o seu quotidiano daqui a alguns anos, e até onde acha que podemos ir?

Ao nível material, penso que o quotidiano das pessoas tem evoluído de acordo com o nível de vida médio do país rural. Certamente, o mesmo se irá verificar nos próximos anos. Em outros aspectos da vida mais ligados à vertente cultural e desportiva, acho que, com uma motivação e mobilização fortes, os jovens de Carapito, liderados pelos órgãos directivos do Clube e pela direcção do Caruspinus, poderão desenvolver iniciativas muito válidas em prol da sua terra. Recordo-me que, num passado não muito distante, com recursos mais escassos que os actuais, se representavam em Carapito, peças de teatro maravilhosas. Os jovens de hoje têm capacidade e talento para fazer melhor ainda. Haja quem os lidere.

Muito obrigado pelo seu tempo e pelas suas palavras. Esperamos poder continuar a contar consigo no Caruspinus, sempre que assim o entender ou achar conveniente.

Álvaro Ameida

PASSEIO DOS AMIGOS DE CARAPITO

Foi no dia de S. João, 24 de Junho, que mais de cinquenta pessoas; naturais, familiares e amigos de Carapito, se juntaram para passarem um dia em confraternização, com o pensamento na terra de que tanto gostam.

Este ano o passeio foi mais curto, mas nem por isso menos interessante. A saída de Lisboa aconteceu cerca das oito horas, e menos de uma hora depois, já tomavam o pequeno-almoço em Aveiras.

Daí foram para a Abrigada, no concelho de Alenquer, a fim de visitar a casa de Sãozinha.

Sãozinha foi uma menina que nasceu em 1923 e faleceu em 1940. Desde muito nova que aprendeu a viver os sofrimentos dos pais, assim como os dos seus semelhantes. Ainda não é considerada santa pela Igreja, embora já o seja aos olhos de muitos milhares de crentes, que fazem romagem à sua casa e ao jazigo-capela, onde lhe prestam culto. Para perpetuar a sua memória, os pais fundaram uma instituição que alberga várias valências viradas para as crianças, que é gerida pela associação religiosa das Servas do Instituto da Sãozinha. O processo da sua beatificação decorre no tribunal da Santa Sé.

Rancho Folclórico de Gamelas.

O passeio prosseguiu para o alto da serra do Montejunto, onde se realizava uma festa de S. João, com missa a decorrer na Ermida. Desse ponto avista-se grande parte da Estremadura, com todas as suas diversidades. A paragem seguinte foi no Centro de Preservação Ambiental, ainda na serra de Montejunto, onde os viajantes puderam desfrutar a natureza num espaço magnífico, onde se podem fazer caminhadas, piqueniques e outras actividades ao ar livre.

Com tudo isso era chegada a hora de almoço. Foi no restaurante da Quinta das Giestas, em A-dos-Francos, que o repasto teve lugar. Sopa de pedra, sardinha assada e grelhados diversos, faziam parte da ementa, a par da muita animação e alegria que decorria entre os convivas em todas as mesas.

Não faltou o bailarico, para ajudar à digestão, movimentar os corpos e cada qual mostrar as suas artes de bailarinos e bailarinas. Mas depois é que vieram os "artistas", o Rancho Folclórico de Gamelas, (Vale Covo – Bombarral), com dez pares de bailadores/as, acompanhados por tocata e cantata, que demonstraram as danças e cantares da sua região.

O convívio foi rematado com um lanche/ajantarado, com muitos e variados acepipes que deixaram todas as pessoas preparadas para o regresso a casa. Durante a viagem para Lisboa, os "carolas" do grupo Os Amigos de Carapito, Virgílio Caseiro, António Baltazar, Manuel Carlos e Fernando Caseiro, agradeceram a todos os presentes a colaboração e contribuição que têm dado, para levar o nome de Carapito mais longe. O porta-voz desse agradecimento foi o Joaquim Garcia, também ele um dos "carolas" e o organizador da excursão/convívio.

A chegada à capital deu-se por volta das 20 horas, tendo as pessoas marcado de novo encontro para o dia 8 de Julho, no Piquenique da Casa do Concelho de Aguiar da Beira, na Mata da Paiã em Odivelas/Lisboa.

ANTÓNIO ALMEIDA

PUB

VILA DE AGUIAR DA BEIRA

Manuel Barranha

SERRALHARIA

Telf. 232 577 687 – Telem. 963 178 015
3570-100 Carapito

AGUIAR DA BEIRA'12

XI feira de atividades económicas do concelho

19|20|21|22 JULHO

19 JULHO quinta-feira

18h00 | **Abertura Oficial**
20h00 | **Abertura ao público**
18h00 / 24H00 | **Insufláveis e Outros Divertimentos**
20h30 | **Atuação do Rancho Folclórico de Penaverde**
22h00 | **Grupo de Música Tradicional Portuguesa ALAFUM**

20 JULHO sexta-feira

19h00 | **Abertura ao público**
16h00 /24H00 | **Insufláveis e Outros Divertimentos**
22h00 | **AMOR ELECTRO**
24h00 | **DJ Madmess**

21 JULHO sábado

09h00 | **Abertura ao público**
09h00 / 13h00 | **I Feira Agropecuária**
9h00 / 20h00 | **Jogos do V Open Ténis de Aguiar da Beira**
15h00 | **Torneio de WII**
16h00 / 24h00 | **Insufláveis e Outros Divertimentos**
20h30 | **Atuação do Rancho Folclórico de Dornelas**
22h30 | **DAVID CARREIRA**
23h30 | **Espectáculo de Pirotecnia**
24h00 | **DJ Madmess**

22 JULHO domingo

12h30 | **Abertura ao público**
9h00/16h00 | **Jogos do V Open Ténis de Aguiar da Beira**
14h00 | **Torneio de Sueca**
15h30 | **Arruada recinto feira Grupo de Concertinas CLAVE DE SOL**
16h00 | **Final do V Open Ténis de Aguiar da Beira**
17h30 | **Arruada vila pelo Grupo de Bombos de Carapito**
16h00 / 24h00 | **Insufláveis e Outros Divertimentos**
18h00 | **Cortejo Etnográfico no recinto da feira**
(participação Juntas de Freguesia, IPSS's e Associações do Concelho)
22h00 | **Grupo de Baile TZ MUSIC**

Organização

Colaboração

GNR
Aguiar da Beira

BV
de Aguiar da Beira

FESTA DO CCRC 2012

SÁBADO - 28 DE JULHO

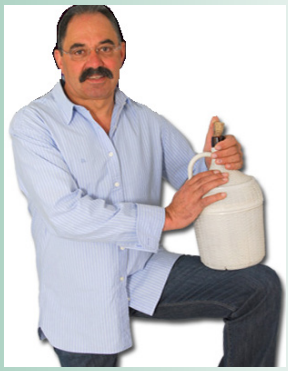
15H00 - TORNEIO DE MALHAS NOS MOSQUEIROS
17H00 - AULA LIVRE DE GINÁSTICA NO POLIVALENTE
18H00 - FUTEBOL INFANTIL
19H00 - FINAL DO TORNEIO DE FUTEBOL 5
21H00 - BAILE COM O CONJUNTO MUSICAL "SPIRIT'S"

DOMINGO - 29 DE JULHO

09H30 - INÍCIO DAS PROVAS DESPORTIVAS
16H00 - FUTEBOL DE 11: CARAPITO vs QUEIRIZ
20H00 - ENTREGA DOS PRÉMIOS DAS PROVAS
21H00 - INÍCIO DO BAILE COM O HOMEM DO GARRAFÃO, "LEONEL NUNES"
00H00 - GRANDE SORTEIO DO C.C.R.C.

O C.C.R.C. conta com a presença de todos!

Haverá serviço de bar permanente!



PUB

AUTO FILIPE E FILHOS, LDA.
Mecânica de Automóveis e Tractores Agrícolas
Com Sede em Barracão
3570-211 - AGUIAR DA BEIRA
Telf. 232 680 048 – Telem. 966 544 688

Café Restaurante Pizzaria
NASCER DO SOL
Serviço de Baptizados, Aniversários e Banquetes até 100 Pessoas
de: José & Lúcia Tenreiro
Tel. 232 577 532 • TM 966 521 382 • CARAPITO

RCTCar
Comércio de Automóveis Novos e Usados
NOVAS INSTALAÇÕES!
Rui Carlos Tenreiro
TM: 962 561 363
Visite-nos também no site:
http://rctcar.weebly.com
3570-211 Barracão - Valverde

ORGANIZAÇÃO
Joaquim Garcia
EXCURSÕES E ALMOÇOS REGIONAIS
Rua António Duarte Caneças, 5, R/c. Dto. 2700-069 AMADORA
Tel. 21 493 41 11
Tm. 96 429 06 00

Construções Gonçalves Tomás e Filhos, Lda
CONSTRUÇÃO CIVIL
OBRAS PÚBLICAS
Alvará nº 36887-ICC
Tlm.: 938479119 * 935816136
3570-100 Carapito – Aguiar da Beira

José Gabriel Marques Pires
Engenheiro Civil
(Ordem dos Engenheiros n.º 53015)
Tlm: 927 740 167
Projectos de Engenharia e Arquitectura
Engenharia e Construção
Pareceres Técnicos e Orçamentos
3570-100 Carapito
Aguiar da Beira

Bruno Miguel Silva
SEDE: Rua do Calvário – 3570-100
Carapito, Aguiar da Beira
TM: 961 104 027 – 961 104 030
Email: bms_contrucoes@sapo.pt

bms construções

Construção de habitações
Reconstrução e reparação de edifícios
Impermeabilizações e isolamentos
Qualquer tipo de trabalhos em pedra
Todo o tipo de muros
Decoração interior/exterior